



## As ciladas do mínimo - Notas à margem de *meu pequeno fim* de Fabrício Marques

Edimilson de Almeida Pereira<sup>1</sup>

Resenha de:

MARQUES, Fabrício. **Meu pequeno fim**. Belo Horizonte: Scriptum, 2002.

No campo aberto da poesia, muitas vezes, é mais previsível o confronto com os textos que abarcam os chamados grandes temas. Em tais casos, a morte, a ausência, o nada e o exílio – por exemplo – se levantam e, de longe, avisam que é necessário estarmos prontos para um duelo em que se alinham, por um lado, o tema explicitado e suas variações mais ou menos mapeadas e, por outro, o leitor e seu arcabouço de certezas e incertezas teóricas. De todo modo, as mutações do texto deflagradas durante esse embate, ao mesmo tempo em que ameaçam (com novos significados) o repertório de interpretações consagradas nos recordam que estamos caminhando através de uma paisagem já percorrida. Portanto, a novidade em torno dos grandes temas decorre da força com que nos remetem àquilo que já foi dito sobre eles combinada à intensidade com que nos permitem estabelecer ligações entre os homens de hoje e os seus pares de outras épocas.

No entanto, como afrontar os textos que foram escritos como insinuações e articulados com estratégias de guerrilha? Como reconhecer a hora de atacá-los, se mudam de direção a todo instante e, quando pensamos tê-los capturado, se mostram adiante em plena liberdade? Enfim, como ver nesses textos que se escondem, as lâminas de significados que atiram contra nós? Essas indagações me ocorrem ao ler *meu pequeno fim*, livro de Fabrício Marques, autor cuja lição de poesia vem se desenhando desde a publicação de *Marquises* (Edição do Autor, 1992) e *Samplers* (Relume-Dumará, 2000). Tal lição, entre outras possibilidades, aponta a palavra como o lugar de posse e de abandono do poeta, como se vê, respectivamente, nos versos de *Marquises* (“Eu devia te dizer/ com palavras que são minhas:/ basta que me toques.”) e *meu pequeno fim* (“o

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com pós-doutorado em Literatura Comparada pela Universidade de Zurique. É professor titular da Faculdade de Letras, na Universidade Federal de Juiz de Fora, MG.

texto/que vai/ aqui/ escrito/ não é meu// palavra/ alguma/ me pertence”). Além disso, nessa poética, a convivência com a palavra pede para ser lida também como tentativa de decifração do mundo que é, simultaneamente, instaurado e corrompido pela palavra. Ao organizar a sua oficina de criação, o poeta assume a vulnerabilidade da palavra que utiliza para moldar enunciados mas, ao invés de rejeitá-la, paga para ver como as provocações da vida se mostram através dessa matéria. Para ilustrar esse procedimento, consideremos a presença do cotidiano e a rasura do diálogo neste *meu pequeno fim* de Fabrício Marques.

O cotidiano capturado nas páginas da coletânea, mais do que fixar uma identificação entre a palavra e a coisa, ironiza a facilidade com que aceitamos essa cilada. Ou seja, a noção de cotidiano como o tempo-espaço do previsível é insinuada e esvaziada através da palavra. A tensão dessa trama só é desfeita à força de se criar uma nova tensão na medida em que o mero cotidiano se revela grávido de cintilações inesperadas. O poema “De um incógnito”, costurado com as linhas da anedota, é um indicativo do que dissemos: “ – Quero lhe deixar meu cartão de visitas/ – Mas está em branco!/ – É que estou viajando incógnito”. As miradas do poeta em *meu pequeno fim* rastreiam um cotidiano que, embora cunhado como um aqui-agora (“pensava/em minha filha/ na doce luz/ da manhã// no que/ a bola/ bateu/ na trave”), se revela como um lugar e um tempo sem fronteiras onde ressoam os passos do poeta durante seus passeios metafísicos (“a torcida/ não entende/ tanta coisa/ que acontece// no relance/ do lance/ de um átimo/ de segundo”, Cruzeiro 2 X 1 Atlético).

Em seu artigo *O pintor da vida moderna*, Baudelaire reconhece na beleza o confronto entre algo que é eterno e algo que é transitório. Paralelamente, podemos considerar que Fabrício Marques descortina no cotidiano algo que, por ser circunstancial, reflete os golpes do momento em que se manifestou. Diante disso, o cotidiano parece uma coleção de acontecimentos em fuga, que tentamos mensurar com sensações igualmente fugidias. Mas, ao se aproximar desse cotidiano munido com a perplexidade da palavra, o poeta descobre no circunstancial um núcleo de permanência. Por isso, em *meu pequeno fim* o registro do circunstancial se converte numa cilada, pois através desse procedimento o poeta tenta recuperar um quê de duradouro que se depreende da aparente fugacidade das coisas. Prova disso, é que através palavra escorregadia, Fabrício Marques capta no ato mínimo/circunstancial do passo da tartaruga um núcleo de indagações que situa o tempo diante do homem, permanentemente, como um enigma: “deixem passar, abram alas amiúde/ à tartaruga que, de ruga em ruga,/ só pede calma ao

tempo, tartamuda,/ pra aprender a envelhecer dentro/ da juventude, de ruga em ruga”, “A tartaruga tartamuda”).

O modo como o tema do cotidiano é tratado em *meu pequeno fim* supõe mais do que uma inclinação para observar as contradições de um certo fenômeno. Isso é evidenciado na medida em que tal inclinação se amplia e, ao se converter numa verdadeira arte poética, permite ao autor investigar outras instâncias em que as provocações da vida se dão a ver através da palavra. A rasura do diálogo, como veremos, pode ser tomada como um exemplo dessas instâncias. Ante os movimentos gerados pelo diálogo, Fabrício Marques desvela um jogo similar àquele traçado nas relações do sujeito com o cotidiano e nas quais a palavra, embora vulnerável, se firma como veículo de abordagem das tensões. Assim, no primeiro caso, a palavra ajudará o poeta a cerzir os aspectos circunstancial e duradouro do cotidiano, enquanto que no segundo caso, a mesma palavra sinalizará na escrita a rasura do diálogo.

A escrita ideal do diálogo pressupõe o surgimento e a fixação do *eu* do *outro*. Muito embora os papéis de *eu* e *outro* possam oscilar de acordo com os contextos, as regras sociais e os mecanismos de poder há sempre, no fundo, a expectativa de que sejamos capazes de reconhecer as atuações de um e de outro. Em *meu pequeno fim* o poeta instaura a escrita do diálogo, colocando face a face sujeitos de alta competência discursiva. A partir daí, são promovidos através da palavra os encontros entre Dylan Thomas e Mário Faustino, Ana Cristina César e Marianne Moore, Philip Larkin e Vinícius de Moraes, Edgar Allan Poe e Emily Dickinson, Murilo Mendes e Henri Michaux.. No entanto, o que deveria representar o surgimento e a fixação do *eu* e do *outro* se revela como uma projeção de rupturas de identidades. Ou seja, o que se fixa nos poemas desta série é menos a identidade de cada poeta convocado e mais a interferência de Fabrício Marques. Essa interferência aponta a voz autêntica dos outros poetas, mas logo se fragmenta, constatando a rasura daquilo que se pensou ser, inicialmente, a escrita de um diálogo (“Então o corvo disse:// ‘e daí’”, “Egar Allan Poe encontra Emily Dickinson”). Uma vez mais, a palavra captura o entre lugar das coisas, nesse caso, ao invés de registrar na escrita o *eu* e o *outro*, termina, de fato, por colher as suas fronteiras ou o processo de sua dissolução. Daí, a rasura do diálogo se exprime como um repertório de insinuações, cujo fios de conexão terão de ser encontrados ou tecidos pelo leitor. Veja-se, isso no poema “Murilo Mendes encontra Henri Michaux”: “– Meu nome é Murilo,/ mas pode me chamar/ de abismo com espáduas.// – Também sou carregado de enigmas./ Movimento no movimento,/ salto no Nada.”.

A rasura do diálogo se estende também para a relação que Fabrício Marques estabelece com Mário de Sá-Carneiro, na parte intitulada “smocking e stricnina”. Aqui, chamam a atenção, de imediato, os signos relacionados à dissolução: o *glamour* e a decadência da *belle époque*, cenário em que os intelectuais de fins do século XIX e início do século XX, vestidos a caráter, naufragaram entre fumo, álcool e pessimismo; a desapareição fixada através do suicídio e, como não poderia deixar de ser, a convocação de um discurso que enfatiza a dispersão do sujeito. O convite para a rasura do diálogo pode ser detectado no próprio Sá-Carneiro, quando afirma: “Eu não sou eu nem sou o outro,/ Sou qualquer coisa de intermédio:/ Pilar da ponte de tédio/ Que vai de mim para o Outro.”

O problema da dispersão do *eu* e do *outro* enunciado nesses versos, se constituiu como um desafio de escritura e de existência para Sá-Carneiro e para as gerações de poetas que o sucederam. Fabrício Marques, a partir do seu tempo e do seu espaço, acolheu esse convite, mas não se limitou a reproduzir o poeta português, quando este exprimiu a crise de personalidade do sujeito moderno, decorrente entre outras coisas, da inadequação entre aquilo que este sujeito sentia e aquilo que desejava sentir. O autor de *meu pequeno fim* realiza a poética de exacerbação dessa crise, embora a disfarce, ironicamente, sob uma atmosfera de aparente calma: “Não tenho preocupações. Em resumo: sofro muito. Tristes mãos longas e lindas... Hoje vou viver meu último dia feliz.” A ironia impregna a sequência de “smocking e stricnina” à medida que a dicção de Fabrício Marques não apenas se mistura à de Sá-Carneiro, mas indica, simultaneamente, a dissolução de ambas. Essa consciência da crise inviabiliza a permanência do diálogo, pois *eu* e *outro* já não podem ser contemplados como realidades, mas tão somente como pontos fulgurantes. Diante disso, o poeta mineiro afirma: “Minha solidão a solidão de quem se sabe nem Eu-mesmo nem aquele outro, mas qualquer coisa de intermédio”. E, para acentuar a gravidade dessa dispersão, o poeta de agora reconhece que até mesmo o discurso poético – lugar de tantos exercícios de sublimação – também se esfacela sob a ameaça de perder do sentido: “Ficou gasto dizer qualquer palavra. Puídas as emoções, o coração trasteja”.

No entanto, não será pertinente entender a poética de *meu pequeno fim* como uma poética do desalento ou do desespero pois, mesmo indicando a rasura do diálogo, Fabrício Marques insiste em garimpar no cotidiano os vários sentidos da vida. Nasce daí a tensão que perpassa o livro e realça as ambiguidades do discurso. Ou seja, sob as coisas ditas com pretensa simplicidade estão armadas as ciladas que fazem de nossa busca pelo sentido um constante desafio. Assim, ao se colocar entre aqueles que “vão até o

fim”, Fabrício Marques se insinua como autor de um discurso em aberto que, numa perspectiva otimista, fiska os pequenos tesouros do cotidiano e noutra, angustiante, se deixa devorar pelos fantasmas da ausência e da dispersão. Por isso, seria interessante considerar o espaço instaurado entre a vivência do cotidiano e a rasura do diálogo como um outro convite, não menos intrigante, para o poeta contemporâneo. Atento ao seu tempo, Fabrício Marques enfrenta esse desafio e grava em *meu pequeno fim* mais do que um fim de fato, uma promessa de busca do sentido, ainda que este se apresente ameaçado pela dispersão.